

Ao contrário

Estudar a sociedade é uma prática inerente ao cientista social e uma necessidade para quem quer conhecer sua real condição dentro de determinado contexto. Passa a haver neste momento uma questão puramente interrogativa, isto é, o que representamos para a sociedade deve ser analisado por cada um de nós com recursos de nossas próprias observações. Então, o questionamento ganha uma incomensurável importância porque seus resultados terão conseqüências pessoais, diferentemente das vezes em que tomamos a condição dos outros como objeto de estudo.

Face a tantos critérios de inclusão ou exclusão social, podemos afirmar sem temores que via de regra, não somos nós que estabelecemos nossa condição social. Ela é preestabelecida, o que fazemos é nos esforçarmos para modificá-la. Chegamos assim ao objeto fundamental de exame, os critérios.

Para melhor analisá-los, vamos tomar como referência a situação de um indivíduo que entra em uma casa comercial, faz uma compra, recebe a mercadoria e um troco muito além daquilo que realmente teria direito mas não restitui. Não há dúvidas de que este é um procedimento comum em nossos dias.

Analogamente a esta forma de proceder, inúmeros membros da sociedade traduzem a vida em números, quantificando seres humanos e medindo numericamente seu valor. Expressões do tipo "todos têm um preço", "aquele sujeito não vale um vintém" ou "diga-me quanto tens que te direi quanto vales", são livremente pronunciadas pelos indivíduos independentemente de classe ou camada social.

É muito comum surgirem fatos sociais ou de grande impacto, no COTIDIANO de alguns setores. Estes fatos têm dois tipos diferentes de repercussão. Quando prejudicam a sociedade como um todo, encontra-se através do Estado uma solução legal que formalmente vale para todos mas que substancialmente funciona para Aqueles com maior astúcia NA PROMOÇÃO da APLICABILIDADE DA LEI EM seu favor. Sendo o fato um crime praticado contra alguém em particular, ele pode comover fortemente a opinião pública e mais nada. Somos uma sociedade de cínicos que conseguimos nos comover com a violência que nós mesmos ajudamos a gerar ao traduzirmos a vida em números e entendermos esta tradução como algo "normal". Se tudo tem valor numérico as penas não são exceções, quem comete um crime, comete em função de um valor SUBJETIVO OU SOCIAL representável numericamente. Mesmo que sejam valores abstratos, teoricamente sem características econômicas, sempre há um artifício numérico para ser utilizado. Quando se mata alguém, é menos uma (1) vida, quando são causadas lesões basta apenas saber se as quantidades serão informadas em algarismos romanos ou em arábicos.

Estamos sabendo que as situações são normais PORQUE acontecem sempre e portanto fazem parte dos hábitos sociais. Frans Boas afirmou que antes de estabelecermos qualquer comparação, precisamos comprovar a comparatividade do que se pretende comparar, definitivamente, não é possível deixar de comparar os valores empíricos de uma mesma sociedade, por isso, devemos perguntar incessantemente por que a nossa sociedade reconhece normalidade na tradução da vida em números, ou no indivíduo que se apropria de um dinheiro recebido indevidamente e fica admirada quando alguém física ou sensorialmente diferente galga ou alcança posições de destaque?

A resposta pode estar na idéia de normalidade que existe nas nossas cabeças, o "normal", comum, e aceitável naturalmente é encontrarmos um física ou sensorialmente imperfeito pedindo esmolas ou apoiado na virtude de quem se dedica a ele. Esta concepção de normalidade leva muitos seres humanos atingidos por este tipo de conceito à uma ciclotimia indescritível na medida que ao vivenciarem um relacionamento a dois, aquele que socialmente é normal, passa a ser visto como um grande ser humano que aceitou uma relação com um anormal ou como um inseguro que foi buscar em um deficiente alguém que não será infiel.

Não é necessário demonstrar que há uma grande distinção entre o que é normal e o que é justo, seja qual for a idéia que se faça sobre a palavra justiça. Fica então o pensamento de que a normalidade dos anormais perante os teoricamente normais é algo fora de alcance, que é mais conveniente receber parabéns por agir normalmente e aceitar o "carinho das pessoas por falhas cometidas em decorrência da CONDIÇÃO DE humano. A aceitação de tal conveniência seria o normal, porém não seria justa para quem sabe que merece mais porque pode mais. Um outro grande empecilho, é a dificuldade que existe por parte da sociedade em respeitar o fato de alguém mudar de idéia, como se não fosse um direito natural o ato de pensar e mudar de convicção. Seja como for, mudar de idéia em relação ao que se entende por normalidade é humanamente complexo porque existe a necessidade individual de se atingir diferenças, ainda que elas venham como resultados de preconceitos propositais travestidos de uma ignorância que não existe por não ter mais espaços para ocupar em um mundo de muitos mitos, dogmas e adorações que levam as pessoas a lutarem contra elas mesmas para continuarem insensatas, verborrágicas e preconceituosas.

"TER BOM SENSO É SABER O QUE FAZER A SEGUIR; TER A VIRTUDE É FAZÊ-LO."
(DAVID STAR JORDAN)

Josemar Araújo